



UM OLHAR FEMINISTA

A FEMINIST LOOK

UNA MIRADA FEMINISTA

Carlos Alexandre Firme de Oliveira¹, Lisimar de Sousa², Rejane Maria Rodrigues da Silva³, Joelma da Silva Coelho⁴

e3112017

<https://doi.org/10.47820/recima21.v3i11.2017>

PUBLICADO: 11/2022

RESUMO

Os direitos das mulheres são fundamentos e responsabilidade de todos os seres humanos que compõem a sociedade, não é concebível que em plena era planetária existencial, haja diferenciação no tratamento entre os gêneros, racismo, preconceito, discriminação, supremacia etnocêntrica entre as pessoas. Objetivando desenvolver um documento que mostre a importância humana, indispensável ao desenvolvimento da inteligência em benefício de uma dinâmica da igualdade, da justiça social, do amor, focada na educação, união, respeito entre homens e mulheres, todo homem pode e deve ser feminista. Foram identificadas na literatura comportamentos violentos culturalmente intrínsecos hegemonicamente para oprimir uma classe em detrimento da outra. Especifica-se a importância da educação, da união, do respeito, da igualdade no combate às desigualdades. Utilizou-se o método qualitativo com uma metodologia focada na análise bibliográfica integrativa de autores que abordam a temática, incrementando aos ideais apresentados um toque referencial embasando o estudo. Os resultados identificados nos referenciais chocam ao saber que o mundo apresenta um modelo arcaico, desigual, machista, racista, tratando as mulheres, os subalternos com muita diferença, violentando, segregando, negando direitos essenciais em muitos países do planeta. Considera-se eurocêntricos abomináveis, é prejudicial à coletividade, a vida humana no geral. Portanto, faz-se necessário primar por uma ideologia educacional que unifique reciprocamente, respeitosa e igualmente homens e mulheres, afinal, diferentes naturalmente, iguais na isonomia.

PALAVRAS-CHAVES: Mulher. Homem. Feminismo. Violência.

ABSTRACT

Women's rights are the foundation and responsibility of all human beings that make up the society, it is not conceivable that in the middle of the existential planetary era, there is differentiation in the treatment between genders, racism, prejudice, discrimination, ethnocentric supremacy among people. Aiming to develop a document that shows the human importance, indispensable to the development of intelligence for the benefit of a dynamic of equality, social justice, love, focused on education, union, respect between men and women, every man can and must be a feminist. Culturally intrinsic violent behavior hegemonically to oppress one class over the other has been identified in the literature. The importance of education, unity, respect, and equality in combating inequalities is specified. The qualitative method was used, with a methodology focused on the integrative bibliographic analysis of authors who approach the theme, adding a touch of reference to the ideals presented, grounding the study. The results

¹ Licenciado em Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú., Especialista em Alfabetização pela Universidade Potiguar (UnP). Mestre em Educação pela Universidade de Santa Cruz do Sul- UNISC. Professor do ensino fundamental da Prefeitura Municipal de Macaíba e Parnamirim.

² Professora e intérprete de Libras, trabalho na educação, doutoranda em Ciências da Educação. Mestre em Ciências da Educação, pós graduada em libras, gestão educacional, licenciada em pedagogia, Gestão Ambiental e Letras/ Libras em andamento.

³ Bacharel em Ciência da Computação pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Graduação em COMPLEMENTAÇÃO PEDAGÓGICA EM PEDAGOGIA - FAVENI-FACULDADE. Especialista em (DocentEPT) Docência para Educação Profissional Tecnológica pelo (IFES) - Professora do Governo do Estado do Rio Grande do Norte.

⁴ Professora da Educação Infantil da Rede Municipal de Macaíba e Natal. Licenciada em Pedagogia pela UFRN, Especialista em Psicopedagogia pela FIP, Mestre em Ciências da Educação pela UNISC e Doutoranda pela Universidade Del Sol.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

UM OLHAR FEMINISTA

Carlos Alexandre Firme de Oliveira, Lisimar de Sousa, Rejane Maria Rodrigues da Silva, Joelma da Silva Coelho

identified in the references shock to know that the world presents an archaic, unequal, sexist, racist model, treating women, the subordinate with much difference, violating, segregating, denying essential rights in many countries of the planet. It is considered abominable Eurocentric, harmful to the collectivity, to human life in general. Therefore, it is necessary to strive for an educational ideology that reciprocally, respectfully unifies men and women, after all, different naturally, equal in isonomy.

KEYWORDS: Women. Man. Feminism. Violence.

RESUMEN

Los derechos de las mujeres son el fundamento y la responsabilidad de todos los seres humanos que conforman la sociedad, no es concebible que en plena era planetaria existencial, haya diferenciación en el trato entre géneros, racismo, prejuicios, discriminación, supremacía etnocéntrica entre las personas. Con el objetivo de desarrollar un documento que muestre la importancia humana, indispensable para el desarrollo de la inteligencia en beneficio de una dinámica de igualdad, justicia social, amor, centrada en la educación, la unión, el respeto entre hombres y mujeres, todo hombre puede y debe ser feminista. En la literatura se han identificado comportamientos violentos culturalmente intrínsecos para oprimir a una clase en detrimento de la otra. Se especifica la importancia de la educación, la unidad, el respeto y la igualdad para combatir las desigualdades. Se utilizó el método cualitativo con una metodología centrada en el análisis bibliográfico integrador de autores que abordan el tema, aumentando a los ideales presentados un toque referencial basando el estudio. Los resultados identificados en las referencias impactan para saber que el mundo presenta un modelo arcaico, desigual, sexista, racista, tratando a las mujeres, a los subordinados con mucha diferencia, violando, segregando, negando derechos esenciales en muchos países del planeta. Se considera abominable el eurocentrismo, perjudicial para la colectividad, para la vida humana en general. Por lo tanto, es necesario luchar por una ideología educativa que unifique recíprocamente, respetuosamente a hombres y mujeres, al fin y al cabo, diferentes por naturaleza, iguales en isonomía.

PALABRAS CLAVE: Mujer. Hombres. Feminismo. Violencia.

INTRODUÇÃO

O trabalho em questão apresenta o seguinte tema: *um olhar Feminista*, inquietar-se a respeito de uma causa substancial com relevância singular na atualidade, debruçar-se a estudar a temática, justifica-se por sua magna significatividade na vida global, e por ser um assunto que está arraigado aos graves problemas existentes na sociedade, inferindo danos às mulheres e homens. Assim como na humanidade, as pessoas são atingidas no seu estado emocional, psicológico, físico, social, moral e histórico.

Por esta razão humana de ser, faz-se necessário discutir a problemática em análise por sua relevância, seu carácter eminentemente pluralístico, por trazer tantas mazelas pertencentes a toda à globalidade, quando refere-se às mulheres, aos excluídos ao longo da história da civilização, o sistema econômico estabelecido aos quatro cantos do mundo traz mais prejuízos do que lucro.

Pois, o saldo é negativo, a exploração do homem sobre o homem deixou marcas sentidas atualmente na vida das populações mais vulneráveis, como forma de justificar o injustificável, criam-se doutrinas que indicam que uma classe seria superior à outra e por isto, hegemonicamente. Exploram, escravizam, oprimem, massacram, dominam, deploram, rotulam, deprimem, menosprezam, inferiorizam, violentam, estupram, abusam, matam, escárnios, feminicídios, xenofobias, pobreza,



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

UM OLHAR FEMINISTA

Carlos Alexandre Firme de Oliveira, Lisimar de Sousa, Rejane Maria Rodrigues da Silva, Joelma da Silva Coelho

fome, doenças, desigualdades, injustiças, desumanidades antidemocráticas, racismo, preconceito entre outros malefícios danosos aos mais desamparados.

Ressalta-se que atualmente ainda existem muitos direitos das mulheres subtraídos que se juntam às demais atrocidades pertencentes aos grupos elencados, por este motivo é um ato humanitário dos homens lutarem pela igualdade, pela participação nas decisões unidas. Juntos na luta pelos direitos tornam-se mais fortes. Feminismo é uma bandeira social que todos devem abraçar, homens e mulheres não precisam se odiar, porém, amar-se em prol do bem comum, a reciprocidade. Antes de sermos mulheres e homens somos humanos e todo humano provém da união de mulheres e homens.

Objetivando desenvolver um documento que mostre a importância de termos como elemento indispensável ao desenvolvimento humano de inteligência em detrimento de uma dinâmica da igualdade, da justiça social, do amor, focada na educação, união, respeito entre homens e mulheres, todo homem pode e deve ser feminista. Identifica-se na literatura comportamentos violentos culturalmente intrínsecos hegemonicamente para oprimir uma classe em detrimento de outra. Aponta-se a importância da educação, da união, do respeito, da igualdade no combate às desigualdades.

Para realização desta revisão científica, embasou-se em pensadores que abraçam esta temática em defender seus argumentos em defesa dos menos desfavorecidos, do feminismo, historicamente elencados nos documentos civilizatórios mostram os negros, os camponeses, as mulheres, os favelados, os nordestinos, os árabes, os refugiados, os judeus, os ameríndios, os imigrantes, os africanos, os asiáticos ou qualquer outra etnia, formam as massas de pessoas mais sofridas, dominadas, exploradas na esfera planetária, “somos todos feministas”, pois ser feminista é combater as formas eurocêntricas que tratam com desigualdade o ser humano em detrimento de uma hegemonia de poder supremo, nefasto, deprimente que escravizam, massacram, oprimem, ontem, hoje e sempre como mostram os fatos históricos ao longo da civilização, onde um grupo, uma classe busca explorar o outro especialmente utilizando dominação psicológica, propagação da ignorância, sem permitir que o oprimido vem refletir, estudar pensar, como assegura Freire (1983).

A ação metodológica constitui-se em uma análise qualitativa bibliográfica integrativa, a qual busca sintetizar de forma ordenada resultados sobre o tema abordado, dentre os autores destacamos colaboradores filosóficos: Morin (2000), Adichie (2015), Brasil Escola (2021), Politize (2018), Marie Claire (2019), Unicef (2021), Oliveira (2021), JusBrasil (2015) e Freire (1983).

A partir das ideias dos pensadores, formulam-se as concepções para defender o assunto com base teórica, confabulando os pontos preconizados na literatura existente sobre um assunto de impacto na sociedade e tão latente perpetuando as discussões nos centros acadêmicos e por não dizer nas esferas de toda população brasileira, é prioritária a necessidade urgente de transformações evolutivas na civilização, trazendo ganhos gerais para o globalidade, afinal um ambiente seguro, sustentável, pacífico, sadio, ético, educado, dialógico para as mães, filhas, idosas, meninas, bebês é um lugar bom para todos.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

UM OLHAR FEMINISTA

Carlos Alexandre Firme de Oliveira, Lisimar de Sousa, Rejane Maria Rodrigues da Silva, Joelma da Silva Coelho

Com finalidade intencional, identificou-se dados encontrados na bibliografia que chocam ao saber que o mundo apresenta um modelo arcaico, violento, desigual, machista, racista, tratando as mulheres e os subalternos com muita diferença em muitos países do planeta. O trabalho consta de um referencial teórico com texto corrido discutindo a temática referendada nas considerações dos autores referenciados nesta obra científica e acadêmica. Considerados comportamentos primitivos eurocêntricos abomináveis, é prejudicial à coletividade, a vida humana no geral. Assim primar por uma ideologia educacional que unifique reciprocamente, respeitosa e humanamente homens e mulheres, afinal diferentes naturalmente, iguais na isonomia como bem sinaliza a Constituição Federal de 1988.

DISCUSSÕES FILOSÓFICAS

No fundo, os homens do passado e da atualidade sempre estiveram hegemonicamente direcionando as diretrizes opressivas sobre as mulheres. Na opinião dos autores deste estudo, esta ideologia de supremacia etnocêntrica perdura com dominação psicológica, opressão, negando a participação em decisões, diálogos, nas decisões sobre sua própria vida, nas políticas e leis que compõem a sociedade, excluindo as mulheres de participar ativamente da construção de uma sociedade igualitária, justa e humana. Presume-se que por medo de inversão das mulheres saírem da condição de oprimidas e opressoras e passarem a ter protagonismo.

O propósito não é a vingança, a opressão de um gênero ao outro, é a liberdade de livrar-se de amarras preconceituosas, de proibições infundadas em razões ideológicas eurocêntricas que diminui, discrimina. A razão é ser igual, respeitada, visível, ouvida, ativa nas participações e decisões. Assim o desenvolvimento do pensamento livre materializa-se, atuando como seres humanos evoluídos; inteligentes. Como afirma o filósofo. “De fato, o sentimento, a raiva, o amor e a amizade podem cegar. Mas, é preciso dizer que já no mundo mamífero e, sobretudo, no mundo humano, o desenvolvimento da inteligência é inseparável do mundo da afetividade [...]”. Morin (2000, p. 20)

Sensibilidade, inteligência, amor devem perpetuar as relações interpessoais para o bem, quem violenta, quem oprime não sabe o sentido do amor. O amor biófilo, pela vida independente de qualquer condição. O que seria dos homens sem as mulheres? Para mostrar o valor de um homem, não precisa, necessariamente, ter que diminuir a mulher, desprezar, apropriar-se, apossar-se, reprimir, oprimir, diminuir, ofender, humilhar, segregar, gritar, bater, violentar e negando-as direitos. Ditar o que ela tem que fazer? O que pode e o que não pode? O que é de menino e o que é de menina? Percebe-se que ao longo da história mundial, muitos de seus direitos são paulatinamente subtraídos.

Como seres humanos e educadores, convivendo com mulheres da cozinha à gestão, por ser a escola um reduto massivamente feminino em sua maioria, lecionando a alunos de escolas públicas, filhos de agricultores “pobres”, vindo do interior, sabe-se bem o que é enfrentar dificuldade, preconceito, xenofobia, romper barreiras para ter uma profissão. Convive-se diariamente com vulnerabilidades sociais presentes na vida das crianças inseridas neste universo. A luta por dias melhores é uma constante, a quem atua na área educacional no Brasil, nas Periferias, na Zona Rural, são muito carentes de direitos fundamentais, como: o direito à aprendizagem, a merenda, o lazer, a literatura,



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

UM OLHAR FEMINISTA

Carlos Alexandre Firme de Oliveira, Lisimar de Sousa, Rejane Maria Rodrigues da Silva, Joelma da Silva Coelho

arte, a segurança, a educação de qualidade, o respeito, a saúde, a cultura teatral, o cinema, o esporte, transporte, o emprego digno, políticas públicas, o saneamento, o urbanismo, o esgotamento, moradias etc. Ressalta-se, que a educação que liberta, sendo o antídoto contra o etnocentrismo, a ignorância, a violência seja ela qual, seja.

Homens, mulheres que são oriundos das classes subalternas, que não têm o privilégio de fazer parte da aristocracia, da burguesia, da elite, sofrem cada um com sua cruz, umas mais pesadas que outras. Mas, todas deixam suas chagas na vida e na alma, quando se consegue emergir do caos e galgar êxito na vida. Pois, sabe-se que muitos jovens se perdem pelo caminho.

A falta de uma atenção à população negra, que, de repente, via-se, em sua grande maioria, sem moradia e alimento, resultou na sua marginalização. Vale ressaltar que a Lei Áurea, que entrou em vigor em 13 de maio de 1888, não garantiu que todos os escravos fossem, na prática, libertos. Muitos escravos, sem opções ou até mesmo sem informações sobre a sua condição de libertos, ficaram submetidos à escravidão no Brasil mesmo após a abolição. (BRASIL ESCOLA, 2021)

Antropologicamente falando, a supremacia das raças que por ideologia submetiam seu poder para dominar, enganar, escravizar, deplorar pessoas, práticas desta natureza deformam, impera de forma moderna, um escravo que vivia na fazenda, na senzala sem direitos, hoje vive com seus filhos, mulheres na favela, em quilombos, ou outro lugar em condições de sofrimento social sem as condicionantes básicas mínimas de se viver dignamente uma vida decente, sem organização do solo, em barracos, vielas, escolas, cultura, lazer, emprego, cidadania, polícia enfim sem a presença do estado entra nesta vulnerabilidade o crime fazendo seu papel escaneador em explorar o ser humano sem distinção.

Estes preconceitos são plurais, pois, não é uma prerrogativa apenas de negros, índios, árabes, gênero, acontece com a população na sua grande maioria, principalmente, nos lares. A conduta violenta não tem gênero, cor, raça, grupo social e econômico. O agressor parece ter prazer em ofender, oprimir, há raiva se as pessoas destes grupos ocuparem posições de sucesso ou buscam sua independência, logo se recebem críticas, insultos verbais ou pelas vias digitais (*haters*). Controlar a dependência financeira, manipular psicologicamente para manter o domínio hegemônico sobre o outro obtendo vantagens que alimenta o ego, se assim não acontece, a reação é agressividade.

A xenofobia é a aversão preconceituosa a quem é estrangeiro. De outra cidade, de outra região, de outro país e de outra cultura, o estrangeiro pode causar o medo, o espanto, a curiosidade daquele que não o conhece. No entanto, esses mesmos sentimentos podem ser expressos de maneira desrespeitosa, ofensiva e brutal, causando o que chamamos de xenofobia, que é o preconceito contra o estrangeiro. (BRASIL ESCOLA, 2021)

Sendo a xenofobia uma forma deprimente, o preconceito que causa dano aos indivíduos não se pode deixar de elencar suas marcas em causar angústia, sofrimento, dor aos que sofrem tais injustiças. Neste cenário não me vejo como não sendo um homem feminista! A luta por igualdade não é bandeira única das mulheres, igualam-se quando boa parte da população e exclusivamente mulheres vivem em condições subumanas nos conglomerados irregulares por este Brasil, se somos todos



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

UM OLHAR FEMINISTA

Carlos Alexandre Firme de Oliveira, Lisimar de Sousa, Rejane Maria Rodrigues da Silva, Joelma da Silva Coelho

“favelados”, pode-se ser feministas, antes ser humano tem-se a razão de ser e existir, pela formação genealógica e familiar como ter: vô, vó, pai, mãe, irmão, irmã, sobrinho, sobrinha, filho, filha, vizinha, vizinho, amigos, amigas etc.

Como deixar impregnar os corações, o ódio pelo outro por ser diferente, o racismo, a desigualdade racial, a xenofobia, o preconceito, os direitos, a religião, o gênero. Prosseguir ideais que une e agrega essas separações nos deixa fracos, separa criam muitas bandeiras que impedem de reivindicar direitos fundamentais universais negados prejudicando a todos, mulheres e homens precisam falar a mesma língua, pessoas são desiguais, direitos são iguais e, precisam manter-se vinculadas com suas raízes ancestrais perpetuando sua identidade e culturas benéficas como afirma o filósofo.

Se as pessoas não tiverem vínculos profundos com sua memória ancestral, com as referências que dão sustentação a uma identidade, vão ficar loucas neste mundo maluco que compartilhamos. “Ideias para adiar o fim do mundo [...]” (KRENAK, 2019, p.9).

Ter um norte, uma razão para se sustentar de modo sustentável, embasado na sua identidade terrena, em conviver de modo a conseguir respeitar o outro na sua individualidade, seja ele índio, branco, preto, pardo, alto, magro, gordo, feio, bonito, árabe, judeu, homem, mulher, africano, americano etc. Necessita de veículos culturais como suas origens para valorizar as práticas humanas, sustentáveis de um mundo menos capital e mais vida, onde as pessoas consigam aprender a saber conviver, como confabula Morin.

Na ótica antropológica o racismo, a discriminação atingem um percentual muito grande da população, não sendo uma lesão causada só à etnia negra, há negros racistas com outros negros, negros utilizando o racismo inverso em discriminar brancos. E brancos ignorantes que imperam o preconceito etnocêntrico em negar o lugar de respeito de negros(a), mulheres na sociedade. O feminismo nos chama à reflexão de ser excepcional um remédio que nos cura dessas feridas, possibilitando união, igualdade, reciprocidade, empatia, paz e amor. Desta forma o caminho é construir uma nova cultura empática, do respeito às diferenças, sem diminuir, explorar, escravizar. Sendo o educar humanamente primordial a construção plena de uma sociedade justa, sem castas discriminatórias.

O exercício da docência permite acompanhar de perto acontecimentos nos lares e acabam refletindo na dinâmica de sala de aula, desde muito cedo identifica-se na infância crianças com inclinação a violência, racismo, preconceito racial. Certa vez, havia um garoto que batia sempre em meninas e indo conversar, investigar, percebeu-se que isso acontecia em casa. Ao convidar sua mãe para conversar e compreender o grave problema, ela apoia achando este comportamento normal. Observando as brincadeiras das crianças no intervalo, é notório o uso de brincadeiras que expressam violência, agressões físicas, uso de armas feitas de lego, papel, até brincam de “polícia e ladrão”.

O momento é delicado, neste ambiente mais uma vez as meninas ficam em desvantagens por apresentarem menos força física, serem mais sensíveis, meigas! Frequentemente, são agredidas verbalmente, fisicamente. Se se pretende que os homens ajam diferente para as futuras gerações,



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

UM OLHAR FEMINISTA

Carlos Alexandre Firme de Oliveira, Lisimar de Sousa, Rejane Maria Rodrigues da Silva, Joelma da Silva Coelho

educar é essencial, e a violência é um gargalo crucial que aflige, principalmente, as mulheres de qualquer classe, raça, cor, idade, gênero, religião, lugar etc. Para estes males, necessita-se de um esforço conjunto de homens e mulheres para no futuro haver igualdade racial, de gênero, diversidade, todos convergindo em harmonia e respeito mútuo. Como representa a escritora Nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie em entrevista à revista Marie Claire...

Acho que o Brasil conta para si mesmo uma história sobre a questão racial que não é verdade, de que não existe racismo e todos são iguais. Os negros claramente não têm acesso a posições de poder. A invisibilidade dos negros foi chocante para mim, então fico feliz de saber que as mulheres negras estão na linha de frente da conversa sobre gênero, afirma. (ADICHIE, 2019)

O racismo deveria figurar como peça de museu, homens e mulheres não precisam se gladiar, ser feminista antes de tudo é ser educado, gentil, empático. Culturalmente, necessita transformar-se para ter homens feministas em um número significativo, diminuindo machismo e preconceito. Ser feminino é ser gente e, ser gente é ser homem e, ser homem é ser mulher e, ser mulher é ser homem no final; somos advindos de homens e mulheres, somos humanos, parte hologrâmicos de um todo. Em cada ser há partículas biológicas de mulheres e homens, somos um só, o que difere é o gênero, a personalidade, a natureza e o biológico.

Reconhecer a grandeza das mulheres é algo que se justifica notoriamente por natureza. Primeiro, não existiriam homens se não fossem as mulheres e vice-versa. Muitas vezes estes homens que saem dos ventres femininos são educados para serem carrascos das mulheres, se observa o modelo de sociedade patriarcal que predomina, o padrão de famílias tradicionais com o homem hegemonicamente no controle de tudo.

Para se ter uma sociedade menos machista, menos violenta, menos preconceituosa, precisa-se, essencialmente, atuar no processo de educação nos lares, nas escolas e na sociedade. Ao comprar enxoval não fazer separação por cores que rotulam, menospreza a criança desde o momento do seu nascimento estipulando que homens e mulheres devem usar tais cores desde cedo, isso demonstra uma visão rasa, discriminatória mesmo antes das crianças nascerem e, já estimula a separação criando concepções preconceituosas entre cores e sexos repassando uma cultura errônea, que separa, discrimina, cria concepções preconceituosas, desumanas.

A exemplo, pode-se citar uma situação ocorrida no âmbito da sala de aula, onde a professora pediu uns tatames para sentarem e os meninos ao verem que os tatames eram rosa se recusaram a pegar. Nitidamente está incutido na mente das crianças o preconceito com a cor ao rotular o rosa como se fosse particularidade de mulheres ou gays. Foi necessário conversar e mostrar que o tatame era simplesmente para se sentar, não importava a cor, isso não mudaria nada. Daí a importância da educação no processo de mudança cultural em relação a identificar representações das coisas por outra ótica múltipla, ampla sem criar factoides preconceituosos que deprimem, massacra pessoas, discrimina e rotula.

Rotulando assim um garoto que usa rosa ou a menina que estar de azul, numa espécie de propriedade das cores, dando identidade discriminatória por alguém usar qualquer cor que goste sem



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

UM OLHAR FEMINISTA

Carlos Alexandre Firme de Oliveira, Lisimar de Sousa, Rejane Maria Rodrigues da Silva, Joelma da Silva Coelho

se preocupar com as críticas alheias que geram desconforto, chacota, danos psicológicos, emocionais, com consequências na vida futura sem precedentes sofre bullying. Comportamento comum nas escolas, não há respeito às diferenças, ao livre arbítrio, a pluralidade como o preconceito sobre uma questão simples de gosto, pode-se constatar que a educação em especial é fundamental para mudar o quadro político, transformando a sociedade com seu poder mutável.

Pressionado pela Comunidade Internacional, o governo de Serra Leoa criou escolas especialmente para essas garotas grávidas, o que também constitui uma violação aos Direitos Humanos. Essa segregação viola o direito básico à educação dessas meninas-mães. Sabrina Mahtani – pesquisadora da organização Anistia Internacional – destaca ainda que essa política separacionista falha em lidar com as reais causas do problema da maternidade infantil, que são as altas taxas de violência sexual e relacionamentos abusivos. Mahtani também ressalta que a falta de educação sexual nas escolas é outro fator que contribui para o alto nível de jovens grávidas. (POLITIZE, 2018)

Este tipo de hábito acontece na vida das mulheres e se perpetua culturalmente replicando inocentemente um ato de preconceito desumano, abandono desde os primeiros sinais de existência das crianças em seus lares, trazem estes conceitos de suas casas, suas famílias para o grupo social, externando comportamentos que agridem a pessoa humana, neste aspecto a educação tem uma função primordial em trabalhar estas temáticas desmistificando essas atitudes equivocadas que só causam danos. E aparecendo como elemento de mudança e metamorfose social, além de ser um direito, um fator que garante bem-estar em todos os sentidos, educar é imprescindível ao desenvolvimento humano.

As cores não têm partidos, não tem donos, nem denominam quem somos ou seremos, as cores revelam um grande exemplo de diversidade. As bandeiras que ideologicamente o homem cria têm o cunho de defender *slogans*, ideias, logomarcas, *outdoor*, grupos, políticos com ideologias que separam ou invés de unir. A guerra dos sexos entre Homens, mulheres gera uma herança péssima de desrespeito, desvalorização, abusos, submissão, opressão, violências de todos os tipos.

A civilização carece permear as vidas das pessoas no século XXI, tanto mulheres como homens necessitam evoluir, para não acontecer o quadro que temos atualmente, o retrato claro de um mundo altamente violento e neste universo os mais vulneráveis e as mulheres ficam em desvantagens, sofrendo ou até mesmo pagando com sua própria vida.

Não há como negar o poder e a importância deste ser fenomenal chamado mulher! O Messias, por exemplo: veio ao mundo pelo ventre de uma mulher, todas as vidas humanas vêm ao mundo pela união de gametas femininos e masculinos, mas com ação incondicional de gestação no útero feminino. Vale ressaltar que valor da mulher não está apenas em ser mãe, sabe-se que há mulheres optando em querer viver a maternidade ou não, já outras podem não ter filhos por problemas diversos, cabe a ela escolher, é um direito sobre seu corpo se ela assim quiser e tiver as condições biológicas para este fim, que podem não ser mãe. Sabemos que este é apenas um dos vários atributos pertencentes unicamente a elas.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

UM OLHAR FEMINISTA

Carlos Alexandre Firme de Oliveira, Lisimar de Sousa, Rejane Maria Rodrigues da Silva, Joelma da Silva Coelho

Sua grandeza, sua atuação no mercado de trabalho em todas as esferas da sociedade, na política, seus adjetivos são inúmeros, cabe à sociedade compreender estas capacidades e, educar para se ter mais liberdade, igualdade entre as pessoas, respeito sempre à pessoa humana independente da condição sexual. Hoje a mulher pode ser o que ela quiser, pode estar onde ela achar que deve estar, basta querer. Afinal, lugar de mulher é onde ela quiser!

Relato ilustrativo de um dos autores

Aqui cabe por ordem de antiguidade elencar minhas avós, duas grandes mulheres que como tantas existentes neste mundo tiveram que ser resilientes e suportar as dificuldades de serem mulheres. Maria da Conceição, minha avó materna, viveu lúcida até seus 92 (noventa e dois), pernambucana, casou-se com meu avô aos 18 (dezoito) anos, tendo se visto poucas vezes. Após o casamento vieram fugindo da seca para o Rio Grande do Norte até falecerem. Esta mulher teve dezesseis filhos, todos de parto normal, destes escaparam nove. Nesta época não havia pré-natal, saúde pública ou qualquer acompanhamento para mulher e/ou a criança. Ficou viúva ainda muito jovem, mas preferiu honrar seu matrimônio e permaneceu sozinha até falecer.

Costumava observar minha avó, uma mulher brilhante, e ficava imaginando o que ela poderia ter sido se durante a Juventude tivesse tido as mesmas oportunidades que os homens. Hoje, diferente do que acontecia na sua época, há mais oportunidades para mulheres, houve mudanças nas políticas e na lei, que foram muito importantes. Mas o que realmente conta é nossa postura, a nossa mentalidade. (ADICHIE, 2015, p. 13)

Além disso, poderia passar o resto deste escrito citando suas qualidades, mulher sábia, inteligente, religiosa, trabalhadora, encrenqueira ao defender seus interesses... Uma grande mulher cuja herança foi deixar um legado para seus descendentes de valores os quais são perceptíveis na cultura de boa parte de seus filhos. Bom, a avó paterna chama-se Maria de Jesus, uma mulher com grandes virtudes, casou-se muito jovem com um vaqueiro de seu pai, deste casamento tiveram 4 (quatro) filhos. Ficou viúva aos 27 (vinte e sete) anos, meu avô foi vítima da “febre braba”. Após a viuvez, ela voltou para a casa de seus pais, passando um bom tempo solteira, sempre aparecia cortejos de homens querendo paquerá-la, mas ela dizia: “eu só quero um homem que assuma eu e meus 4 (quatro) filhos”. Quando ela falava sobre o assunto, os homens corriam.

Certa vez, ela estava na casa de seu irmão que vendia cachaça em um boteco à beira de uma estrada no Eusébio, que vinha de uma cidade de Lagoa Salgada/RN onde passavam muitos feirantes aos sábados. Em uma tarde de sábado, parou um “moço velho”, o rapaz começa beber e galanteá-la dizendo estar encantado com sua beleza, ela no que lhe concerne diz: _Eu sou viúva e tenho meus filhos, não quero homem para judiar deles, nem de mim. O rapaz se chamava Antônio Matias e dias depois resolve pedir sua mão ao seu pai e faz promessas de assumi-la com amor, assim como seus filhos. Este homem, conheci como meu avô “torto”, sempre o admirei pelo caráter, um homem grande para seu tempo ou para qualquer tempo. O homem que respeita uma mulher e suas crianças deve ser reconhecido, pois o que deveria ser regra vemos como exceção.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

UM OLHAR FEMINISTA

Carlos Alexandre Firme de Oliveira, Lisimar de Sousa, Rejane Maria Rodrigues da Silva, Joelma da Silva Coelho

Desta união secundária entre Maria de Jesus e o saudoso Antônio Matias, surgiram 5 (cinco) filhos, somando as duas famílias 9 (nove), todos os filhos biológicos ou não tinham grande consideração por ele. Minha avó, em 1992, vive o luto pela segunda vez, sempre mostrando sapiência em conduzir os familiares com boas condutas, bons conselhos a quem necessite. Cabe elencar que sendo mulher, viúva, enfrentou grandes adversidades, preconceito por ser mãe, viúva. Pois, se hoje, com todos os avanços existentes na sociedade, ainda se tem, massivamente, a mulher desrespeitada, imagine há aproximadamente 70 (setenta) anos.

A nação avança em aspectos de informação, tecnologia, automação, robótica, dados digitais tecnológicos e acesso à rede mundial "internet", mas não identificam estes mesmos acompanhamentos no quesito humano. É muito comum vermos agressões virtuais, de racismo, ameaças, vazamentos de dados íntimos que expõem a pessoa humana, preconceito, manifestos repugnantes de pessoas que usam as redes sociais para externar seu ódio sobre um grupo inconsequente, irresponsável, causando danos de proporção imensurável as vítimas destas práticas insolentes, maldosa e violenta.

Aqui não posso deixar de ressaltar a heroína Rosa Maria, minha mãe, casou-se aos 21 (vinte e um) anos com Pedro (meu pai), deste casamento que dura até hoje vieram 3 (três) filhos. Pode-se sintetizar que esta mulher teve uma vida de muito sofrimento, por ter que conviver com ignorância, dependência financeira, grosserias, machismo, infidelidades etc.

Ela se identifica como sendo agricultora, dona de casa, faz do roçado uma terapia, atualmente possui dois hectares de roça, sendo um roçado de roça madura pronto para colher e outro mais novo que precisa ser cultivado por dois anos e só colher o ano seguinte após o inverno. Para cultivar a Terra, a lavoura no semiárido, no escaldante sol nordestino, tem que ter coragem e ser forte, conviver frequentemente com intempéries de seca que maltratam esta Região e nossa gente não é fácil. Tem que gostar, é uma questão de cultura herdada de seus pais, ali é seu jardim, seu entretenimento no trato com agricultura tradicional esbanjando conhecimentos empíricos invejáveis.

A pensadora expressa sua filosofia que precisa transformar a cultura, o processo de perpetuação dos valores, crenças devem seguir uma diretriz política focada na mudança humanística de ser melhores juntos.

Tem gente que diz que a mulher é subordinada ao homem porque isso faz parte da nossa cultura. Mas a cultura está sempre em transformação. [...] para quê serve a cultura? A cultura funciona, afinal de contas, para preservar e dar continuidade ao um povo. [...] A cultura não faz as pessoas. As pessoas fazem a cultura. (ADICHIE, 2015, p.17)

Aos seus 68 (sessenta e oito) anos têm, dentre outras doenças, depressão e Parkinson. Devido à gravidade da doença degenerativa, faz acompanhamento especializado no Instituto de Neurociências, duas vezes por semana, situado no polo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) em Macaíba/RN. Recebe um salário do Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS), pelo Funrural, por completar a idade mínima como produtora rural, como assegura a constituição de 1988. Ressaltar que este valor seria insuficiente para comprar suas medicações básicas não é exagero, pois, evidencia-se que boa parte da população brasileira passa por esta situação socioeconômica, têm-



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

UM OLHAR FEMINISTA

Carlos Alexandre Firme de Oliveira, Lisimar de Sousa, Rejane Maria Rodrigues da Silva, Joelma da Silva Coelho

se um salário que não atende os direitos fundamentais dos cidadãos, desta forma, veja que o próprio desrespeito para com a mulher e homens começa com o estado em não dar dignidade aos idosos de se autossustentar.

A mulher, para se aposentar como agricultora, tem que comprovar seu trabalho na lida, no campo, se a mulher se declarar do lar, se não tiver carteira assinada, ou algo legal não se aposenta. Ora, se a mulher camponesa ou de qualquer outra área que não seja legalizada contribuiu com seu trabalho construindo e gerando filhos para o Brasil, criando seus filhos junto ou não do marido, não é reconhecida pelo estado, quem irá reconhecer seu seguro social? Nota-se nitidamente que a mulher começa ser excluída pelo estado que devia lhe amparar, enquanto ser feminino, mãe, trabalhadora, geradora de entes para o país ou auxiliando com sua força de trabalho, educando, participando da construção maciça desta civilização brasileira.

Outro fator que cabe destaque é desrespeito que as mulheres sofrem ao dar à luz, no período puerpério, de lactação, no momento mais importante que é cuidar de um novo ser, o mercado de trabalho se prende a dar a licença maternidade de (120) dias, “conforme a consolidação das leis de trabalho”. Para aumentar as empresas precisam aderir um programa de incentivo do governo que prorroga de 120 (cento e vinte) para 180 (cento e oitenta) dias. Estes benefícios se estendem a globalidade, o respeito à mulher é algo sublime, qualquer república democrática que se preze pensa em como atender com humanidade as mulheres, sendo que elas neste caso são as responsáveis pela geração de vida humana na Terra, assim consolidar melhores condições de atendimento à mulher gestante é significativamente, beneficiar a todos de modo a promover justiça.

Enquanto nos países desenvolvidos, como a Suécia, o direito se estende a qualquer responsável parente da criança, sendo direito de 480 (quatrocentos e oitenta) dias. Evidenciar direitos das mulheres que não são considerados, isso tudo infere na sociedade, na totalidade, um ambiente respeitável, com seguridade, cidadania para as mulheres é conseqüentemente, um lugar bom para todos. Um cidadão bem cuidado, na sua primeira infância será um ser mais completo em sua plenitude existencial, trazendo estes ganhos para si e para a coletividade, tratando de futuros seres humanos, para tanto é fundamental assegurar estes direitos às mulheres, as crianças e a sociedade, o lucro desta ação é pleno na construção futura de uma nação cada vez mais justa e democrática.

Para melhorar a vida com menos atrocidades contra as mulheres é mais que gritante direcionar todos os esforços num audacioso projeto de nação educacional, comportamental, de ver as diferenças, mulher e homem menos competitivos, menos rivais, diferentes por natureza, porém, no direito ao princípio da isonomia, segundo a constituição de 1988 que nos garante igualdade. Nesta ótica, a educação aparece com luz, como fonte iluminista, as famílias, a sociedade, as escolas devem emergir numa corrente que indique uma única direção, as novas gerações sendo bem cuidadas, bem-educadas há possibilidade de consideráveis mudanças no paradigma social deste país.

Assim colabora a autora a seguir com seus conhecimentos sobre as causas feministas.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

UM OLHAR FEMINISTA

Carlos Alexandre Firme de Oliveira, Lisimar de Sousa, Rejane Maria Rodrigues da Silva, Joelma da Silva Coelho

Ela também costuma deixar as radicais de cabelo em pé quando defende pontos polêmicos, como ao afirmar que homens também podem ser feministas: “Temos que parar de pensar no feminismo como uma espécie de festinha exclusiva para a qual poucas pessoas são convidadas. Nosso objetivo é a igualdade no mundo. Queremos chegar a um ponto em que não vamos mais precisar do feminismo. Para isso acontecer, todo mundo tem que se envolver. Portanto, precisamos de homens feministas para mudar outros homens”, garante. “Em Lagos, uma cidade cosmopolita, acontece de um homem e uma mulher entrarem num restaurante, e o garçom ou o segurança dizerem: ‘Boa tarde, senhor’, ignorando a mulher. Então, costumo falar aos homens que eles precisam dizer: ‘Isso é inaceitável. Entrei aqui com outro ser humano que é meu igual. E você precisa reconhecer a presença de nós dois’”, diz ela. Mas qual homem Chimamanda já viu tomar atitude semelhante? (MARIE CLAIRE, 2019)

O nível de educação almejado para uma sociedade plena, igualitária, justa, ética, com todos falando a mesma ideologia humana, onde não haja competição, hegemonia de poder, exploração, opressão, mas sim humildade, respeito, igualdade de gênero, de raça, religião, classe social, como homens e mulheres educados, que saibam reconhecer nos pequenos gestos a presença feminina, o valor feminino tenha no mundo mais humanizado para todos e a palavra feminismo seja apenas uma palavra. Morin (2000, p.11) “Aprender a ser, a fazer, a viver juntos e a conhecer constituem aprendizagens indispensáveis que devem ser perseguidas de forma permanente pela política de todos os países.”

O pensamento nos alerta entender a importância de aprendermos a ser, a fazer diferente, viver em união harmônica e conhecer sem fazer juízo, preconceito, sabendo da magnitude que a problemática dos direitos de equidade das mulheres atingem, não somente o Brasil, mas a globalidade, é fundamental que as políticas mundiais, reconsidere fatores de igualdade básica, como poder dirigir, estudar, trabalhar, namorar, separar, escolher casar ou não com quem for do seu gosto, ter saúde, ser respeitada, ouvida, participação nas decisões, deixando de ser coagida a seguir manuais prontos. Quem sabe o melhor para uma mulher é a própria mulher.

Mulheres de outras épocas e de hoje, negras, baixas, altas, ricas, pobres, brancas, indígenas, árabes, amarelas, todas querem ser respeitadas, amadas, valorizadas, empoderadas, independentes... isto é um direito, preferencialmente necessita-se de homens com estas ideias de ver as mulheres como parceiras, a mulher é como uma planta, carece ser bem cultivada para dar bons frutos, não há nada mais valioso do que o sorriso feminino.

O preconceito, na raiz da palavra, é a formulação de um conceito sobre algo sem antes o conhecer. O preconceito, por exemplo, pode ser julgar que um alimento é ruim por seu aspecto físico. Trazendo para as relações sociais, o preconceito consiste no prejulgamento de algo sem, de fato, conhecê-lo.

Nas relações sociais, o preconceito pode acontecer por conta da sexualidade (prejulgar uma pessoa homossexual); do gênero (julgar uma mulher como inferior a um homem, ou uma pessoa transgênero); da condição física (julgar uma pessoa deficiente ou de baixa estatura, por exemplo, como incapaz); e da raça (cor da pele). (BRASIL ESCOLA, 2021).

Sendo assim, deixando hábitos repugnantes, culturalmente repetidos em sociedades tradicionalmente machistas desrespeito com frases indecentes, insultos, promiscuidade, vulgaridade, assédio contra o ser mulher deveriam não existir, o foco deve ser o tratamento, cuidados e exercícios



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

UM OLHAR FEMINISTA

Carlos Alexandre Firme de Oliveira, Lisimar de Sousa, Rejane Maria Rodrigues da Silva, Joelma da Silva Coelho

de direitos pelo fato de ser um ser humano independente do gênero. Mas que para além disto é um ser que possui habilidades e características comportamentais de vida diferentemente dos homens, em fases diferentes da vida, como a questão reprodutiva com um determinado prazo, de cunho natural.

O mundo moderno não tem espaço para tais comportamentos de homens das cavernas, tribais disfarçados de cordeiro, enrustidos em suas carcaças de machismo, maldade, falta de educação, ignorância, dificuldade de respeitar, aceitar o não, a vontade do outro, estamos falando de princípios democráticos na esfera cível. Respeito é tudo. Os quais devem permear os costumes vivências de mulheres e homens, educação não tem sexo, agir com civilidade, gentileza faz toda diferença nas relações interpessoais, diálogo, empatia são fundamentos que como norma deve fazer parte do nosso cotidiano, como base para termos harmonia, não basta querer mandar, submeter sua vontade sobre o outro, basta exercitar uma via de mão dupla empaticamente.

A pobreza menstrual afeta brasileiras que vivem em condições de pobreza e situação de vulnerabilidade em contextos urbanos e rurais, por vezes sem acesso a serviços de saneamento básico, recursos para higiene e conhecimento mínimo do corpo. Os resultados demonstram negligência e falta de acesso a direitos em boa parte do País. Além de privação de chuveiros em suas residências, 4 milhões de meninas sofrem com pelo menos uma privação de higiene nas escolas. Isso inclui falta de acesso a absorventes e instalações básicas nas escolas, como banheiros e sabonetes. Dessas, quase 200 mil alunas estão totalmente privadas de condições mínimas para cuidar da sua menstruação na escola. (UNICEF, 2021)

Dados apontados pela Organização das Nações Unidas (ONU) chamam atenção para um direito e um grave problema de saúde que atinge mulheres do mundo inteiro. A pobreza menstrual, meninas que passam a ter seus ciclos menstruais e não tem condições de comprar um simples absorvente, falta água potável, sabonete, alimentos, banheiros para um melhor conforto, uma higienização adequada para a saúde da mulher, estes problemas além de deixar a mulher vulnerável por estar passando por mudanças psicológicas e físicas nas mudanças periódicas em sua vida a partir da menarca. Ausência de política que pense esses fatores de saúde básica como essencial para assistir às mulheres em situação de vulnerabilidade econômica e social em serem acolhidas.

Gasta-se mal com muita coisa neste país, políticas públicas, participação das mulheres na política partidária e nas decisões, incluir as mulheres em um programa que as respeite é uma questão de direitos humanos, saúde pública. Estas mesmas atribulações são enfrentadas pela população de presidiárias que utilizam miolo de pão, jornal, panos em seus períodos menstruais dentro das penitenciárias. Estas práticas de empobrecimento, miséria, acometem mulheres desde muito cedo vivendo em condições subumanas, submetendo-as a depreciação e violências de todas as categorias possíveis.

Sem falar de outras mazelas que se juntam, somando um acumulado de flagelos que deixam as mulheres sem seus principais direitos e conseqüentemente levando-as para caminhos tortuosos de submissão quando veem a oportunidade de mudar de vida encontrando um parceiro, sem qualificação, estado de flagelo social, resta dependência financeira, opressão, sofrimento, violências, agressões, abusos.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

UM OLHAR FEMINISTA

Carlos Alexandre Firme de Oliveira, Lisimar de Sousa, Rejane Maria Rodrigues da Silva, Joelma da Silva Coelho

Deste modo, temos as colaborações embasadas nos referenciais abaixo. Para consolidar nossas afirmações em termos cidades mais humanas, sustentáveis para todos. “[...] para as mulheres, idosos, pessoas com deficiência e crianças. Esse é um dos objetivos de desenvolvimento sustentável (ODS), definidos pela Organização das Nações Unidas (ONU)”. IBGE (2017), (OLIVEIRA, p.5, 2021).

Obviamente que nada justifica ser violento. Mas, o esboço alavanca o que a (ONU) coloca em seu documento que a problemática atinge a globalidade, os problemas, socioeconômicos, acentua massivamente as populações mais desfavorecidas, ressaltamos que a violência não tem classe social, porém, as mulheres das regiões mais pobres, sem estruturas, faveladas, alojadas em conglomerados irregulares sofrem com a violência e outras mazelas ceifando o bem-estar feminino. Assim, quando se tem um lugar inseguro para as mulheres, tem-se insegurança para todos, neste aspecto o estado democrático de direitos e deveres, o sistema capitalista falho em produzir riquezas para uma minoria e abandona os mais desamparados.

O fenômeno é afetado por outras variáveis envolvendo a desigualdade racial, social e de renda. Uma família com maior situação de vulnerabilidade e renda menor tende a dedicar uma fração menor de seu orçamento para itens de higiene menstrual, uma vez que a prioridade é a alimentação. De acordo com o estudo, a chance de uma menina negra não possuir acesso a banheiros é quase três vezes a chance de encontrarmos uma menina branca nas mesmas condições. Além disso, enquanto cerca de 24% das meninas brancas residem em locais avaliados como não tendo serviços de esgotamento sanitário, quase 37% das meninas negras vivem nessas condições. (UNICEF, 2021)

Reafirmar a importância mais uma vez das desigualdades raciais, sociais, vulnerabilidades e renda das famílias, em especial aqui a comparação entre as mulheres negras e brancas é indiscutível, a discrepância entre as etnias analisadas mostram grande distanciamento em termos de direitos iguais tanto para brancas como para negras. É notável que, devido às questões impostas aos negros neste país, desde sua chegada submetidos a condições de escravatura e, uma vez “libertos” herdaram nada, a não ser mazelas, favelas, exclusão vistas e sentidas atualmente, isso pode comprovar a desigualdade entre as mulheres brancas e negras em análise, tem-se muito o que evoluir para garantir igualdade à mulher, independente da sua etnia.

Nossa população constitui-se de um povo de maioria negra, sem citar os mestiços, o importante é olhar o ser humano independente de raça, tendo uma saúde de qualidade contemplará todos, assim é com a educação, segurança, ocupação regular do solo, enquanto não lutarmos por estes parâmetros deixaremos grupos excluídos.

O racismo é uma forma de preconceito e discriminação baseada num termo controverso, que sociologicamente é revisto e do qual a genética também inicia uma revisão: a raça. No século XIX, compreendia-se que a cor da pele e a origem geográfica de indivíduos promoviam uma diferenciação de raças. (BRASIL ESCOLA, 2021)

Poderiam ser amenizados se acontecesse um acompanhamento mais adequado de políticas públicas que vise o bem-estar de todos, apoio, educação, assistência em especial às mulheres, se temos índices alarmantes de violência contra a mulher, precisamos enfrentar o problema na sua raiz,



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

UM OLHAR FEMINISTA

Carlos Alexandre Firme de Oliveira, Lisimar de Sousa, Rejane Maria Rodrigues da Silva, Joelma da Silva Coelho

tudo leva a crer que um ambiente de pobreza leva as pessoas a tentarem emergir como solução de seus males culturalmente “casando, engravidando”, desta forma acabam criando ainda mais adversidades para sua vida, piorando ainda mais sua realidade.

Acredita-se muitas vezes que a liberdade feminina está no amparo de um homem em casar-se, suprindo e assistindo às necessidades daquela mulher que vive uma situação caótica no cotidiano social ou até familiar, culturalmente se escuta falar estas falas de mulheres que tinham esperança de melhorar suas vidas como a junção de um companheiro e o que era na cabeça dela um sonho de felicidade, se torna um pesadelo. Temos grandes homens que sabem tratar uma mulher de forma correta, porém existem ao invés de homens “algozes”, “capitães do mato”, ceifadores que violentam e agem asperamente, isso serve para homens e mulheres violentos.

Ressalta-se que estes ambientes apresentam grandes índices de violência e vulnerabilidade para toda a população especialmente, para os mais indefesos. Somos todos favelados, pois todos os dias estamos brigando por direitos que não existem na prática, a sociedade carece acordar, se temos um problema este hoje não é apenas da favela, nem tão somente de um lugar, mas, da sociedade, da globalidade. São flagelos sociais que atingem a coletividade, portanto sua transversalidade acarreta a desgraça de pessoas no submundo que engloba principalmente, a África, a América Latina e Ásia a parte do mundo subdesenvolvido em geral. (OLIVEIRA, p.8, 2021)

É evidente que os conglomerados subnormais apresentam números estatísticos de violência e falta de serviços básicos que acometem a todos e a mulher termina sendo uma vítima desta forma equivocada de ocupar os espaços urbanos ou rurais, contribuindo com dados negativos, subumanos que mancham e ridicularizam com algo que há de mais brutal, ignorante e falta de educação, quer saber o grau educacional e cultural de uma pessoa, o termômetro é olhar suas ações, a violência é a pior forma de resolver qualquer adversidade. A civilidade possibilita sermos civilizados, utilizar-se de bons modos, gentileza, dialogicidade, educação custa barato, é sociável, é viável, é sustentável, é ético, é inteligente, é desenvolvido, é pragmático, é democrático e tecnológico. O homem moderno precisa ser sustentável, e ser sustentável é agir com cidadania fraterna, conseguir suportar o outro, o diverso sabendo conviver mutuamente.

Observa-se ao longo da história, mas, precisamente avanços consideráveis pelo público feminino, embora ainda não o bastante como desejado. Bem em evidência, falando do Brasil, um grande marco é a criação da lei 11.340/06, “Maria da Penha”. Este dispositivo legal traz punições específicas para violência doméstica e feminicídio contra a mulher. Era habitual homens cometerem crimes contra mulheres, violências abruptas, desumanas e ficarem impunes, chegando a alegar muitas vezes ter sua honra ofendida por uma suposta ação da mulher. Que honra há em ser violento, opressor, cometer assassinatos seja de quem for?

Com a criação do dispositivo e divulgação nas mídias, a criação de juizados especiais, de delegacias especializadas, uma rede de proteção e amparo às vítimas de violências domésticas crescem as denúncias, os dados estatísticos alarmantemente mostrando uma realidade dura vivida pelas mulheres. Após o advento da pandemia, este fenômeno tem se multiplicado, em decorrência de



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

UM OLHAR FEMINISTA

Carlos Alexandre Firme de Oliveira, Lisimar de Sousa, Rejane Maria Rodrigues da Silva, Joelma da Silva Coelho

as pessoas estarem mais próximas, mais tempo em casa e outros fatores também devem ser examinados, danos sociais, psicológicos, drogas, álcool, comportamentos violentos aflorados frequentemente neste momento de aflição que terminam trazendo consequências danosas.

Considera-se importantíssima a ideia de criação da lei para proteger as mulheres, nota-se um número grandioso de casos de violências que crescem diariamente, inaceitável. Porém, existem casos em que mulheres, sabendo do seu empoderamento e conhecendo a lei na íntegra, utilizam de má-fé, criando situações e fatos fraudulentos para prejudicar o homem que seguramente irá responder criminalmente por tais supostos delitos inventados, ou ser condenado se não conseguir provas robustas. Vale salientar que as mulheres que fazem esta transgressão, estão geralmente cheias de ódio com o emocional afetado, perseguição, sentimento de posse, de propriedade e não aceitam o fim de um relacionamento, ou agem por vingança, comparando-se aos mesmos comportamentos de homens agressores. Estes fatos acontecem em proporção menor, em relação à violência cometida pelos homens que reiteradas ações de agressão no Brasil contra as mulheres.

“A lei Maria da Penha”, necessita de ajustes tanto para atender com mais justiça mulheres, pois existem muitos casos com medidas protetivas expedidas às mulheres que de fato precisam e, são insuficientes, deixando-as expostas a acontecer o pior, agressões graves ou crime de feminicídio. Da mesma forma, proteger homens vitimados por mulheres violentas, compulsivas, com perfil de perseguição que fazem de tudo para manchar a vida do homem, apenas por ele não querer mais o relacionamento e passam a ser perseguidos.

Há homens que enfrentam graves danos psicológicos, financeiros, físicos, danos morais, entre outros, como bem afirma o juiz de direito Mario Kono de Oliveira.

Admitiu que, embora em número consideravelmente menor, existem casos em que o homem é a vítima por causa de “sentimentos de posse e de fúria que levam a todos os tipos de violência, diga-se: física, psicológica, moral e financeira. Ele acrescentou ainda: “Por algumas vezes me deparei com casos em que o homem era vítima do descontrole emocional de uma mulher que não media esforços em praticar todo o tipo de agressão possível (...). Já fui obrigado a decretar a custódia preventiva de mulheres “à beira de um ataque de nervos, que chegaram a atentar contra a vida de seu ex-companheiro, por simplesmente não concordar com o fim de um relacionamento amoroso, finalizou. (JUSBRAZIL, 2015)

A lei é fundamental para assegurar direitos da classe feminina, já que não havia no código penal este dispositivo específico. Porém, um homem não pode ser julgado simplesmente por seu gênero, nem todo homem é violento, nem toda mulher. Apurar, investigar e aquele ou aquela que utilize de meios violentos, sim, devem ser punidos na forma da lei, mas não somente a lei resolverá, atender a mulher vai muito além de criar uma lei e seus mecanismos. Demonstra-se que qualquer um que atente contra a dignidade psíquica, física, emocional e material do outro é um tirano, mudar esta cultura da violência é um desafio magnânimo para mudar este quadro escuro existente na civilização mundial.

O estigma da escravidão unido à marginalização daquelas pessoas que, sem ter o que comer e onde morar, foram viver nos morros, nos guetos e recorrer, muitas vezes, ao crime para sobreviver, resultou na situação de exclusão que leva ao racismo nos dias atuais. (BRASIL ESCOLA, 2021).



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

UM OLHAR FEMINISTA

Carlos Alexandre Firme de Oliveira, Lisimar de Sousa, Rejane Maria Rodrigues da Silva, Joelma da Silva Coelho

Marginalizar, excluir, rotular, criminalizar, discriminar são sinônimos referentes aos que vivem à margem da sociedade que foram usados e excluídos sem planejamento, jogados sem respeito ao ser humano, sem pensar na responsabilidade que isto iria causar. Vítimas de um sistema escravista que deixou marcas na população brasileira e uma dívida impagável, este caminho pode ser transformado por meio da educação, organização e ocupação habitacional do solo, ação do governo permanente na elaboração social das diretrizes que fomentam a vida da população, transferindo justiça não apenas em aplicar punição, mas justiça social, gasta-se muito para julgar, punir, prender e manter o preso ocioso.

Não se investe em educação como necessita-se. A mudança se não acontecer por este viés educativo dificilmente ocorrerá como bem aponta a teoria de Darcy Ribeiro.

Infelizmente, ainda hoje constatamos os mesmos problemas cada vez mais acentuados com o aumento da população nos grandes centros e o crescimento desordenado parece que modernização é apenas uma utopia, uma palavra ao vento, porque de fato as pessoas vivem como colonos, como se fossem provincianos de um país sem leis, sem democracia, sem constituição. A favela surge como um movimento de resistência, de inclusão em agrupar por classe os discriminados, isso é uma realidade que acomete parte da população. Vale elencar que considerar o solo, a organização, a ocupação ordeira serviços públicos consiste em estabelecer condições humanas aos humanos, para pensarmos em direitos humanos deveríamos inicialmente, considerar estes fatores que faltam às pessoas e nega sua condição humana de ter uma vida digna. (OLIVEIRA, p.8, 2021)

Enquanto perdurarem estas desigualdades extremas entre as pessoas de morar e viver em condicionantes subnormais, faltando os direitos humanos e, atos corruptos egocêntricos, os quais apresentam visão medíocre, antidemocráticas, individualistas, rasa, dificilmente mudaremos este deplorável capítulo da nossa história. Cabe reafirmar que a violência contra a mulher atinge todas as classes sociais, sendo mais agravada por outras omissões violentas as menos abastadas por fatores já elencados aqui, quando faltam direitos e assistência fundamental a mulher por parte do estado, vem uma cadeia de atrocidades que com a pobreza somam-se outros fatores que deixam as mulheres em posições vulneráveis, sofrendo diversos tipos de violências.

Igualdade a causa feminista significa defender os direitos de todas as mulheres, isso não é uma causa singular as mulheres, mas também aos homens, meninos e meninas, se há agressão, brigas entre os sexos, necessita-se mudar este modelo. Sejam brancas, negras, pardas, ricas, pobres, índias, urbanas, rurais, jovens, idosas e mães. Cordialmente, o ser mulher, sem exceção, cada qual com suas características, seus traços, sua beleza, sua etnia, sua identidade, suas formas, seus cabelos, seus gostos, suas vontades, seu estilo, sua profissão, sua personalidade, devem ser respeitadas, bem tratadas, afinal gentileza gera uma corrente de gentileza.

a diferença racial no Brasil. Pretos, pardos e indígenas são excluídos da participação efetiva em espaços públicos. Esse fato mostra-nos uma primeira pista para o entendimento do racismo estrutural. Longe de ser aquele racismo explícito, evidenciado em falas preconceituosas e até em atitudes agressivas, o racismo estrutural é aquele que está sutilmente inserido em nosso cotidiano. (BRASIL ESCOLA, 2021).



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

UM OLHAR FEMINISTA

Carlos Alexandre Firme de Oliveira, Lisimar de Sousa, Rejane Maria Rodrigues da Silva, Joelma da Silva Coelho

O pensamento sustentável é essencial acontecer isso se traduz induzir sentimentos que nos trazem danos irreversíveis como o racismo, ódio, violência, ignorância, intolerância, ganância, exploração, discriminação, desrespeito, preconceito e injustiça.

Sendo mulher por si só, é desafiador, saber que em cada canto, cada cultura estabelece seus valores, conceitos de normas e nestas sempre as mulheres estão em um posto de inferioridade, não muito distante cerca de 120 (cento e vinte) anos mulheres para estudar na Rússia tinha que ter o aval do pai ou marido, hoje na Rússia a situação é pior existem leis que apoia a violência doméstica. O voto foi um direito renegado, o casamento arrumado por interesses dos pais, existem países árabes que proíbe a escolarização das mulheres, evolução das políticas de direitos das mulheres são urgentes, estas sanções impostas às mulheres soam como uma forma de dominação e subordinação injusta de deixar a mulher fora das decisões que a insere como se ela não fosse um ser social, livre, de desejos, vontades, arbítrio, política de direitos e deveres.

Na Rússia, 1370 mulheres apanham de seus maridos a cada hora. O número é mais de três vezes maior do que no Brasil – onde essa realidade é vivida por 500 mulheres a cada 60 minutos. Acontece que a violência doméstica no maior país do mundo é legalizada. Enquanto muitas mulheres comemoram a conquista de direitos ao redor do mundo, em 2017 a Rússia seguiu o caminho reverso ao descriminalizar as agressões cometidas por maridos contra suas esposas e filhos, como publicado pelo jornal The Guardian. Desde que o episódio não se repita mais do que uma vez no ano e que a mulher e as crianças não precisem ser hospitalizadas, o agressor não precisa se preocupar com uma punição. (POLITIZE, 2018)

O desejo de mudança, a inquietação em simplesmente pensar no sofrimento, a desigualdade, a injustiça ao analisar tais dados, a equidade, os direitos das mulheres é um dever de todos os cidadãos, filhos, maridos, amigos, irmãos brigar por estes seres tão massacrados ao redor do mundo. Desta maneira o grito é “somos todos mulheres.” É inadmissível acreditar que tenhamos tantos desafios, tantas demandas em uma sociedade que vive o êxtase tecnológico, informações de dados acessíveis, mas encontram-se muito atrasados no que se refere aos direitos humanos e, em especial, os direitos das mulheres.

Sendo o Brasil um país de maioria negra, mestiços, pardos, indígenas e considerando o período repugnante da escravidão, deixando muitas marcas em nosso povo, as mulheres negras, pobres, desfavorecidas, herdeiras de ancestrais escravos trazem consigo desde seu surgimento as feridas do preconceito, do racismo, pelo lugar onde vivem e moram, pelo cabelo, pela cor, pelo sexo, condição social e econômica, a cultura, a identidade física, o estilo de ser e se vestir. Estas mulheres enfrentam ainda mais agruras no seu cotidiano, necessitando se reafirmar, ser forte, se fazer respeitar, convivendo rotineiramente com ofensas que machucam a alma e de seus descendentes, estas ofensas racistas começam muito cedo na escolarização, nos grupos sociais, palco para tais agressões psicoemocionais.

Afirma Chimamanda em seu livro sejamos todos feministas:



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

UM OLHAR FEMINISTA

Carlos Alexandre Firme de Oliveira, Lisimar de Sousa, Rejane Maria Rodrigues da Silva, Joelma da Silva Coelho

Recentemente, uma moça foi estuprada por um grupo de homens, na Nigéria, ia reação de vários jovens, de ambos os sexos, foi algo do gênero: “sim, estupro é errado, mas o que ela estava fazendo no quarto com quatro homens?” bem, se possível, tentemos esquecer a crueldade desse raciocínio. Os nigerianos foram criados para achar que as mulheres são inerentemente culpadas. E elas cresceram esperando tão pouco dos homens que a ideia de vê-los como criaturas selvagens, sem auto controle, é de certa forma aceitável. (ADICHIE, 2015, p.13)

Sabe-se que o estupro é uma infâmia, uma moléstia que nem deveria ser pronunciada em nosso convívio, é muito comum se justificar tal prática bárbara dizendo que a mulher estava com roupas curtas, coladas ao corpo, provocando o estuprador. Ora, este argumento nefasto não se sustenta, pois a mulher pode andar como quiser e ser respeitada, se for olhar por este ângulo, a praia, as piscinas dos condomínios, os clubes seriam palco de estupros. O estupro não pode ser aceitável em qualquer parte do mundo. O homem índio chamado por muito de “selvagem” vive na floresta em aldeias com muitas mulheres índias seminuas e mesmo assim não comete o estupro baseado na explanação corporal, enquanto os ditos civilizados fazem esta prática criminosa e tentam justificar colocando culpa na mulher.

Uma mulher, ao ser cortejada no real ou virtual, no início do namoro, muitas vezes são desrespeitadas com insultos, grosserias, fotos pornográficas, palavrões, xingamentos se ela se recusar a aceitar tal comportamento de pessoas que estão vendo a mulher como objeto sexual, que ela está ali para concordar com seu desejo e satisfazer seu ego, suas vontades. Estes hábitos são vergonhosos, ser homem não é ter um órgão genital peniano ou o gênero apenas, mas sim, o que define de fato um homem são suas atitudes, principalmente em relação ao trato com o público feminino e para com os demais, educação não faz mal.

Aceitar comportamentos desta espécie é comungar com agressões que virão depois, é conviver com violência lado a lado e, para o resto dos seus dias, atitudes possessivas, sentimento de poder sobre o outro, propriedade são suicidas. Uma mulher que se preze não pode compactuar em hipótese alguma com estas manifestações. Nos primeiros gestos de agressividade, desrespeito, grosseria, ligue o alerta. É um sinal de que seu futuro será macabro. Quem pactua com estas ações esperando mudança, promessas não se engane, as coisas nesse ritmo vão tornando-se pior e a mulher sai geralmente vitimada.

Ser feminista não significa odiar homens, criar uma oposição ao gênero masculino, não se combate preconceito com mais preconceito, racismo com mais racismo, ódio com ódio, opressão como mais opressão, assim é igualar-se aos algozes, aos tiranos de quem tanto sente-se repúdio. Há homens sensatos, puramente feministas, mulheres que nunca pronunciaram, ou militaram o feminismo e são feministas por serem mulheres, por resistirem ao sistema que nunca foi fácil, ser mulher é uma dádiva, quando uma mãe na dificuldade divide o pão para seus inúmeros filhos de forma igualitária garantindo que todos se alimentem, isto é um gesto feminista, porque o feminismo tem nome e sobre nome de mulher, a mulher é uma somativa de amor, de benevolência, solidariedade, resiliência, sensibilidade e carinho nato.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

UM OLHAR FEMINISTA

Carlos Alexandre Firme de Oliveira, Lisimar de Sousa, Rejane Maria Rodrigues da Silva, Joelma da Silva Coelho

É uma feminista, uma sobrevivente de um câncer na mama que não conseguia atendimento no Sistema Único de Saúde (SUS), tendo que atrelar seu voto ao candidato a prefeito da época, médico, que fez sua cirurgia sem qualquer exame prévio como se fosse um bicho, tempos escuros de um Brasil que mudou pouco esta realidade e perdura massacrando mulheres e ceifando suas vidas pelo país adentro.

O melhor exemplo de feminista que conheço é o meu irmão Kene, que também é um jovem legal, bonito e muito másculo. A meu ver, feminista é o homem ou a mulher que diz: “sim, existe um problema de gênero ainda hoje e temos que resolvê-lo, temos que melhorar”. Todos nós mulheres e homens, temos que melhorar. (ADICHIE, 2015, p.17)

Portanto, o feminismo é uma causa nobre, uma bandeira de todos, as armas coletivas devem ser a união, juntos seremos mais fortes, homens e mulheres unidos vencendo seus desafios diários. Todo aquele que enxergar no outro um ser de gênero diferente, um oponente, estará fadado ao fracasso, há distinção biologicamente falando, porém, humanos, iguais em direitos, a batalha é por direitos humanos das mulheres que são as pessoas afetadas diretamente, ao faltar qualquer um de seus direitos sociais, fundamentais, sexuais, cível, constitucionais, a transversalidade destes elementos perpassam a órbita da ignorância, da hegemonia de quem etnocentricamente tentou reprimir toda forma de liberdade, dominando com poder do conhecimento, das tecnologias, com doutrinas de supremacia das elites, aos subalternos hoje emergentes buscando seu apogeu.

Deplorar, inferiorizar alguém por cor, sexo, raça, estrangeirismo, em nome de uma ideia de supremacia que mata, escraviza, explora, deprimir, oprime, segrega, flagela, renegar é um crime, o colonialismo imposto pelas nações eurocêntricas aos países da África, Ásia e América mancham seus tapetes, seus palácios, sua realeza, suas riquezas, suas ruas, sua civilidade com gotas de vergonha, lágrimas de sofrimento impetrados, deixados e sentidos como herança escravista atualmente igualando-nos: favelados, negros, pobres, mulheres, índios, idosos, humanos inacessíveis e outras em buscar igualdade.

Os escravos recém-libertos foram habitar os locais onde ninguém queria morar, como os morros, na costa da Região Sudeste, formando as favelas. Sem emprego, sem moradia digna e sem condições básicas de sobrevivência, o fim do século XIX e a primeira metade do século XX do Brasil foram marcados pela miséria e sua resultante violência entre a população negra e marginalizada. (BRASIL ESCOLA, 2021).

A mídia se coloca como defensora das minorias, do feminismo, mas é comum noticiar um feito de um cientista, ou alguma façanha, algo importante! Entre uma pessoa branca e uma pessoa negra. Se é branco não é dito a cor antes de seu nome e feito, se é negro é exaltado em primeiro lugar a cor “negro(a)”. Quando a cientista brasileira sequenciou o genoma do coronavírus, por exemplo, dizem: Cientista negra brasileira sequencia o genoma do coronavírus. Sendo um branco é apenas dito o nome do cientista e o achado. Na televisão, assim, como nos Estados Unidos, que os negros tiveram que criar estúdios próprios, para música, seriados expressando negritude, o racismo estrutural não dar chances iguais.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

UM OLHAR FEMINISTA

Carlos Alexandre Firme de Oliveira, Lisimar de Sousa, Rejane Maria Rodrigues da Silva, Joelma da Silva Coelho

No Brasil até pouco tempo a primeira protagonista a figurar em uma novela, em 2004, Taís Araújo. Até então, é corriqueiro vermos na tv os negros atuarem em papéis de empregada, escravos, jardineiros, motorista, babá, porteira, faxineiro, doméstica etc. Em um país de maioria negra essa classe deveria ser mais representada em todos os setores da sociedade, mas não é o que os dados históricos mostram, sempre colocando os negros em condições de inferioridade e desigualdade.

No Brasil, elencar feminismo a abolição da escravatura faz todo sentido, pois trata-se de abnegação de direitos, de preconceito, de violências plurais que massacram nossa gente, homens e mulheres.

Quando a Lei Áurea foi promulgada, em 13 de maio de 1888, ficou proibida a escravização de pessoas dentro do território brasileiro. O Brasil foi o último grande país ocidental a extinguir a escravidão e, como aconteceu na maioria dos outros países, não se criou um sistema de políticas públicas para inserir os escravos libertos e seus descendentes na sociedade, garantindo a essa população direito humanos, como moradia, saúde e alimentação, além do estudo formal e posições no mercado de trabalho. (BRASIL ESCOLA, 2021)

Bem, como seres humanos e cidadãos identificam-se na obrigação participativa, voluntária e democrática de defender o ser mulher, não perder a esperança de um mundo melhor e, o melhor para as mulheres é um lugar sã para toda a civilização, é lamentável ter que descobrir que em todos os cantos do planeta as mulheres passam por aflições, desigualdades, injustiças, opressão, dominação de hegemonias masculinas que imperam suas vontades como forma de privar direitos básicos dos seres humanos. Para tanto, por todas as atrocidades elencadas neste documento. Ser um homem feminista é urgente, é preciso ser jardineiro no cultivo com as mulheres.

Observando este cenário, aponta-se o processo educacional de homens e mulheres igualmente para transformar a longo prazo este fenômeno antropológico e sociológico, as mulheres não precisam se preocupar tanto em atender a linha de pensamento machista imposta por séculos pelos homens na educação de seus filhos, nem se sentir culpadas por não os satisfazer se estas não concordam serem métodos racistas, preconceituosos. Uma pessoa educada terá condições de ter filhos que respeitem a diversidade e, com certeza, sentirá orgulho desta educação que inclui ao invés de massacrar.

Segundo os ideais de Ribeiro, é essencial investir em educação para mudar a realidade social do país, assim uma nação desenvolvida, civilizada tem em sua matriz educacional os preceitos democráticos para oferecer igualdade, ética, liberdade e respeito às pessoas sem ser utilizado a violência extrema contra qualquer indivíduo.

O diálogo é premissa essencial entre homens e mulheres, ao educar sustentavelmente pessoas múltiplas, sociáveis, tolerantes, diversas, diferentes, transigentes. As mães, as escolas, os professores, a sociedade devem esquecer chavões culturalmente repetidos como: “homem não chora”, “isso é coisa de menino”, “se chegar em casa apanhado vai apanhar novamente”, “achado não roubado”, e etc. Estes pequenos gestos desfiguram a conduta caminhando para multiplicar atos violentos e corruptos na humanidade.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

UM OLHAR FEMINISTA

Carlos Alexandre Firme de Oliveira, Lisimar de Sousa, Rejane Maria Rodrigues da Silva, Joelma da Silva Coelho

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se esta revisão chegando à concepção de ser urgente a evolução de lutas em prol da defensoria dos direitos femininos, para garantir direito de igualdade de gênero e mais precisamente permitir que a mulher possa ser o que ela desejar sem ter que ser subjugada, preconceituosamente. É fundamental que se permita tanto mulheres como homens evoluírem para alcançar um nível de convivência maduro, em atingir o livre pensamento, a tomada de decisões conjuntas, ouvindo a voz da mulher na sociedade, afinal a mulher é parte integrante da humanidade.

O diálogo é premissa essencial entre homens e mulheres, ao educar sustentavelmente pessoas múltiplas, sociáveis, tolerantes, diversas, diferentes, transigentes. As mães, as escolas, os professores, as mídias sociais, a sociedade devem esquecer chavões culturalmente repetidos como: “homem não chora”, “isso é coisa de menino”, “se chegar em casa apanhado vai apanhar novamente”, “achado não roubado” etc. Estes pequenos gestos desfiguram a conduta, caminhando para multiplicar atos violentos e corruptos na humanidade.

Portanto, culmina-se, afirmando que o objetivo em produzir um referencial com carácter humano, focando no amor, no respeito, na inteligência benéfica, no convívio social dialógico pacífico, em sempre buscar a igualdade entre homens e mulheres usando as prerrogativas pragmáticas da democracia, rompendo com visões ideológicas machistas hegemônicas nefastas a submeterem o ser humano a uma classificação inferior, este formato de comportamento é prejudicial aos direitos da pessoa humana, deplora, escraviza, violenta, fere e mata.

Sendo assim, faz-se necessário construir uma história diferente da que vivemos atualmente e que aprendemos. Ser feminista é um dever de toda a sociedade. Ser feminista é ser, capaz de enxergar igualdade de gênero entre mulheres e homens mutuamente, se respeitando cada um com suas peculiaridades. Assim corrobora Durkheim em apontar que a educação atende aos anseios da sociedade, para tanto é primordial pensar, através de um paradigma educacional de mudança de cultura como bem indica Adichie. É essencial mudarmos a ideia de sociedade, de cultura baseada no respeito mútuo, na igualdade, na união, na ética, no diálogo, na democracia e no humanismo sustentável em aprender e saber conviver como sinaliza a teoria de Morin.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos Todos Feministas**. São Paulo, Companhia das Letras, 2015.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Mulheres do Mundo: Chimamanda a voz do feminismo crítica o racismo e defende homens feministas**. Entrevista concedida a Marie Clarie, São Paulo, nº 337 v 1, p-12-17, Abril de 2019.

DURKHEIM, Émile. **Educação e Sociologia**. Disponível em <https://www.google.com.br/books/edition/Educa%C3%A7%C3%A3o_e_Sociologia/HnmWDwAAQBAJ?hl=pt-BR&gbpv=1&printsec=frontcover . Acesso em Fevereiro de 2022.

FREIRE, Paulo, **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. Coleção polêmicas do nosso tempo. São Paulo: Autores Associados, Cortez, 1983.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

UM OLHAR FEMINISTA

Carlos Alexandre Firme de Oliveira, Lisimar de Sousa, Rejane Maria Rodrigues da Silva, Joelma da Silva Coelho

JUSBRASIL. **Lei Maria da Penha é aplicada para proteger homem?**. Disponível em <<https://direito-publico.jusbrasil.com.br/noticias/157860/lei-maria-da-penha-e-aplicada-para-protger-homem>>

Acesso em junho de 2021.

KRENAK, Ailton. **Idéias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2015. Disponível em: <https://culturapolitica2018.files.wordpress.com/2019/09/ideias-para-adiar-o-fim-do-mundo.pdf>. Acesso em: maio 2021.

MORAIS, Pamêla. **Sete direitos das mulheres negados ao redor do mundo**. Disponível em <<https://www.politize.com.br/7-direitos-das-mulheres-negados-no-mundo/>> Acesso em Junho de 2021.

MORIN, Edgar. **Os sete Saberes Necessários à Educação do Futuro**. 2ª Edição, São

Paulo. Cortez, 2000.

OLIVEIRA, Carlos Alexandre Firme de. **Bem Estar social da População versus Organização e ocupação do Solo**. Recima21, Revista Científica Multidisciplinar. V 2 nº6. Disponível em <<https://recima21.com.br/index.php/recima21/article/view/425/379>> Acesso em Julho de 2021.

PORFÍRIO, Francisco. **"O que é xenofobia?"**; Brasil Escola. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/o-que-e-sociologia/o-que-e-xenofobia.htm>. > Acesso em 14 de outubro de 2022.

PORFÍRIO, Francisco. **"Racismo"**; Brasil Escola. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/racismo.htm>.> Acesso em 14 de outubro de 2022.

PORFÍRIO, Francisco. **"O que é racismo?"**; Brasil Escola. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/o-que-e-sociologia/o-que-e-racismo.htm>.> Acesso em 14 de outubro de 2022.

REVISTA MARIE CLARIE. 2019. V.1nº 337. **Chimamanda: a voz do feminismo critica o racismo e defende homens feministas**. Disponível em <<https://revistamarieclaire.globo.com/Mulheres-do-Mundo/noticia/2019/07/chimamanda-voz-do-feminismo-critica-o-racismo-e-defende-homens-feministas.htm>> Acesso em junho 2021.

RIBEIRO, Darcy. **Frases sobre Educação**. Disponível em <<https://pql.gal/darcy-ribeiro-antropologo-da-educacao-documentario-da-serie-grandes-educadores/darcy-ribeiro-frase-sobre-a-educacao/>> Acesso em Fevereiro de 2022.

SENADO FEDERAL. Constituição Federal de 1988. Brasília, DF: Senado Federal. 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: julho. 2022.

SILVA, Guilherme. **Pobreza menstrual: saiba como o problema afeta a saúde das mulheres**. Disponível em: <<https://www.agazeta.com.br/revista-ag/vida/pobreza-menstrual-saiba-como-o-problema-afeta-a-saude-das-mulheres-0521>.> Acesso em Junho de 2021.

SILVA, Daniel Neves. **"Como ficou a vida dos ex-escravos após a Lei Áurea?"**; Brasil Escola. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/historiab/como-ficou-vida-dos-ex-escravos-apos-lei-aurea.htm>. > Acesso em 14 de outubro de 2022.

UNICEF. **No Brasil, milhões de meninas carecem de infraestrutura e itens básicos para cuidados menstruais**. Disponível em <<https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/no-brasil-milhoes-de-meninas-carecem-de-infraestrutura-e-itens-basicos-para-cuidados-menstruais>> Acesso em junho de 2021.